

# Alguns personagens uruguaios oriundos da província de Betanços

(compreendendo até a segunda geração de  
emigrantes do período 1779-1829)

JOSÉ-MARIA MONTERROSO DEVESA\*

## I. A PROVÍNCIA DE BETANÇOS.

Era, como é bem sabido e agora só compendiamos, a unidade da organização administrativa que, que desaparecida em 1833, vinha de longe, constituindo umha das sete províncias galegas que, senhareada pola (única) cidade homónima, compreendia 253 freguezias, aglutinadas em 43 jurisdicções e 9 coutos redondos; abrangendo quase 2.500 km.<sup>2</sup>, encabeçava o grupo das quatro pequenas (seguida por Mondonhede, Tui e a minúscula Corunha).

Dentro sua, oito jurisdicções de superfície superior aos 100 km<sup>2</sup>; e totalizando 1.525 km<sup>2</sup>; supunham o 62% do seu território, por esta ordem: Ortigueira, Betanços, Sobrado, Monfero, Caaveiro, As Pontes de Garcia Rodríguez, Cedeira e Pontedeume. Nesse território dez eram os núcleos com categoria de vilas: Ortigueira, A Granha e Ferrol, As Pontes, Neda e Mugarbos, Ares, Cabanas e Pontedeume e Sada.

Os limites de Betanços eram com as províncias de Mondonhede (E), Lugo (E e S), Santiago (SO) e Corunha (O) e o Atlántico-Cantábrico (O e N), marcando os pontos extremos marítimos os termos de Loiba (Ortigueira) e Carnoedo (Sada), possuindo como acidentes costeiros principais as rias de Ortigueira, com o cabo Ortegá, e Cedeira, ao N, e ao O, as rias de Ferrol, Ares e Betanços.

Três enclaves betanceiros na província de Lugo eram, de O a E, as freguezias de Cabreiros (actualmente município de Germade), Vilapedre e Árvol (Vilalva) e Rioaveso (Cospeito). (Precisamente de um destes enclaves vilalveses som dous dos personagens aqui tratados).

## II. O PORQUÉ DESTE PERÍODO.

Escolhemos este período convecional de cinqüenta anos que vam do início do “quinquênio patagónico” até o ano em que o Uruguai acedeu ao processo de independência (culminado em 1830), já mui próximo ao de abolição da antiga divisom administrativa espanhola que pom fim à existência da província de Betanços.

Meio século posterior à fundação da cidade de Montevidéu -estabelecida para deter os portugueses no seu avance cara o Sul, tardia seqüela do hoje comemorado tratado de Tordesilhas-, a maior imigração dirigida que o Rio da Prata conhece na sua história<sup>2</sup> é também fruto, naquel 1779, mais de razons político-militares do que económicas -ameaça de invasom inglesa ou dos seus colonos americanos insurgentes, com as

\*Escritor coruñés, sócio honorário do *Instituto de Estudios Genealógicos del Uruguay*.

<sup>1</sup>Río Barja.

<sup>2</sup>Apolant, 1970

experiências anterior das Ilhas Malvinas e posterior da mesma Montevidéu, efémera possessom britânica-, indo encaminhada a colonizar a costa argentina da Patagónia, no vice-reinado rioplatense.

Assim temos, primeiro, as Reais Ordes de 24-3-1778 para o Vice-rei e o Intendente do Rio da Prata (Buenos Aires), com o encargo de fundarem umha povoaçom na baia se San Julián, sob pretexto de fomentar a pesca da baleia; e, depois, as RR.OO. de 22-6 e 19-9-1778 para o Intendente da Galiza (A Corunha), polas que, respectivamente, se lhe ordena reunir famílias pobres dispostas a colonizar zonas indeterminadas das províncias do Rio da Prata (com intencionada ocultaçom do destino ao inóspito Sul) e se enunciam as vantagens derivadas do alistamento para tal empresa.

Destarte é como A Corunha se converte em centro do operativo, onde cada familia contrata com o Intendente as obrigas mútuas, acudindo ao chamamento, antes de nada, gentes do país, estendendo-se posteriormente a naturais de Astúrias, Leom, etc.

Fazemos omissom das interessantíssimas questons nascidas de dita operaçom, por exemplo, a congestom demográfica dos candidatos a colonos que removeu a vida corunhesa entre 1779 e 1784, ano no que se dá por finalizado o processo com um total de onze expediçoms trasportando perto de dous milheiros de súbditos peninsulares noroestinos de Carlos III para as suas remotas possessons sul-americanas. (A primeira expediçom, de modesto calibre, saiu já em outubro de 1778, arribando a Montevidéu contra o fim de ano, premonitoriamente... o Dia dos Inocentes!).

No decorrer de 1779-80 tenta-se a colonizaçom da Patagónia que, fracassando lastimosamente (por motivos diversos -insalubridade, agresividade indígena, etc.- que nom é do caso analisarmos), deu origem, prévia R.O. de 15-7-1781 provocada polas gestons do vice-rei rioplatense, à paulatina reubicaçom daquelas sufridas gentes (uns mil, fora os mortos e os poucos que em condiçoms infra-humanas permanecerom no Sul até 1784) em diversos pontos do vice-reinado, nomeadamente na Banda Oriental do Uruguai (inda que também na actual província de Buenos Aires), onde dérom lugar à fundaçom de vilas (como San Juan Bautista -hoje Santa Lucia-, Pando, San José e Minas), ou engrossárom a populaçom de outros núcleos pré-existentis (como San Carlos, Colonia, Montevidéu e Canelones).

Fracasso, em fim, que lhe deparou ao Uruguai parte do seu desenvolvimento nessas postrimerias da etapa colonial, da mao de imigrantes da Galiza e de outros reinos metropolitanos.

### III. OUTRAS EMIGRAÇONS.

Mas nom só, com ser tam significativa, é com a cifra desse malfadado operativo que há que contar. Muitos outros galegos emigrárom nessa e, sobretudo, nas seguintes décadas (1790, 1800, 1810, 1820...), simples precedentes dos massivos éxodos posteriores.

Cumpre, mais umha volta, e esquematizando ao máximo, referirmo-nos a emigrantes económicos (a maioria e sinaladamente de âmbito rural) e aventureiros ou quase (minoría de profissionais e industriais urbanos), emigrantes activos ou passivos (estes, os menores levados por seus pais), da costa ou do interior...

Nesta somera resenha que, devedora em grau superlativo do investigador germano-uruguaio Alejandro Apolant (1903-1975)<sup>3</sup>, tem mais de compêndio de outros e

<sup>3</sup>Apolant, 1975

de escolha de dados que de análise original, falaremos exclusivamente de emigrantes betanceiros de província (poucos da estricção jurisdicção de Betanços, muitos da zona costeira do norte provincial), que, eles próprios (v.g. quando se tratar de primeiros povoadores ou fundadores, mérito suficiente para aspirarem a próceres) ou, quase sempre, os seus descendentes (até a segunda geração), alcançaram nesse pequeno país sul-americano um relevo cultural, social, político, religioso ou económico digno de lembrança.

Examinaremos brevemente esse meio cento longo de homes e mulheres seguindo umha ordem geográfica (de norte a sul) das paróquias de origem e, dentro delas, umha certa ordenação cronológica, para darmos, afinal, umha relação alfabética das freguezias com emigrados incluídos neste trabalho.

#### IV. RELAÇÃO DALGUNS BETANCEIROS E DESCENDENTES DE DESTAQUE NO URUGUAI.

Dos *Freires* e da *Pedra*<sup>4</sup> (actuais concelhos de Ortigueira e Carinho, respectivamente)<sup>5</sup> procediam *Juan Diaz das Filgueiras* e a sua mulher *Luisa Paz Candorcia*, considerados primeiros povoadores civis da localidade de Melo (hoje capital do departamento de Cerro Largo, tocando no Brasil). Corria o ano 1795 e eles chegaram a Montevideu em 1779, na II expedição à Patagónia, acompanhados de três filhos pequenos. Um seu neto, *Joaquín Núñez*, foi constituinte de 1830, por outras palavras, membro da assembleia que redactou a primeira constituição uruguaia.

De *Abade* (Moeche) eram *Martín de Graña Fernández* e sua mulher *Paula Piñón Villadonga*, chegados com umha filha moça na III expedição (1779). De *Somoças* procedia *Martín del Casal Loaces*, sendo sua mulher, *Isabel Sánchez Fernández* de *Fisteus* (Cúrtis), arribados na mesma: todos cinco<sup>6</sup> formando (1781) nos primeiros povoadores de Canelones (hoje capital do departamento homónimo)<sup>7</sup>.

Da mesma *Somoças* (no "corregimiento de Betanzos"), provinha *Juan López Formoso*, arribado a aquelas terras alguns anos mais tarde, para constituir com sua segunda mulher umha relevante parilha de mestres em Maldonado (capital do departamento do seu nome), depois de ter el sido capitão de tropas.

Nom faltáram na fundação de Canelones outros betanceiros, agora de *Serantes* (Ferrol), como *Baltasar Freire Diaz* e a sua mulher *Magdalena [del Rio] Fernández*<sup>8</sup>, chegados na VII expedição (1781) com duas filhas novas. E mais umha natural da própria *Betanços*, chamada *Úrsula [Fandiño] Rioboo*<sup>9</sup>, arribada já na II expedição (1779) junto com seu home, *Antonio de Lamas Casal*, de *Anca* (Neda) e dous filhos.

Também do *Serantes* ferrolám era nativa *Juana Grandal Montero*, arribada (ela de quatro anos, com pais e irmaus) na mesma II expedição, quem, com os anos, viria dar em jovem mãe do afamado Gral. *Pedro Lenguas* e avó do Cnel. *Juan Lenguas*.

De *Covas* (Ferrol) foram as irmãs *Maria* e *Josefa [Serantes] Pedreira*<sup>9</sup>, chegadas juntas, aquela, solteira, esta, com seu home, *Benito Seoane Fernández*, de *Esmelhe* (Ferrol) e umha *Picarinha* (que morreu a pouco), na mesma II expedição (1779). Estes passam a engrossar o citado grupo de primeiros povoadores de Canelones. Maria casará

<sup>4</sup>Gannello

<sup>5</sup>Torres, Pérez & Chantada

<sup>6</sup>Vega Castillos

<sup>7</sup>Nome derivado dos rios Canelón Grande e Canelón Chico, que à sua volta denomina certa árvore, *capororoca* de seu nome guarani

<sup>8</sup>Figurando, segundo a norma da época, com o apelido materno (por ser mulher), antepondo nós o paterno que proporciona a sua filiação.

mui logo e será mai de *Juan Maria Pérez*, destacado político e acaudalado comerciante da incipiente república: constituinte de 1830, ministro... Montevideu conserva, inda que em mui mal estado, a sua casona paterna, na qual se assinou (1814) a capitulaçom dos espanhois. Por outra filha, Maria Serantes será avó dos irmaus *Caravia*, *Bernabé*, jurisconsulto e alto magistrado, *Antonio*, jornalista, e *Juan Pablo*, ministro, legislador e político. (E, curiosamente, por outro filho, antepassada directa do actual presidente da República, Luis Alberto Lacalle).

Da *Granha* (Ferrol) acudirom à Banda Oriental, quando menos dous fundadores de familias singulares. Ao fio dos séculos XVIII - XIX chegou ali *Antonio Montero Remesil*<sup>9</sup>, alcançando, a partir da sua inicial indústria padeira, um posto de primeira magnitude nas finanças: o Museu Romántico de Montevideu, sito na Cidade Velha (rua 25 de Mayo, número 428), está instalado na sumptuosa residência deste betanceiro-ferrolâm, inaugurada (1831) a pouco de nascida a República. Destacárom dous filhos: *Antonio Montero* (h), político e um dos primeiros arquitectos uruguaios, e *Alcides Montero*, legislador, ministro e financista.

Pouco mais adiante que Montero arribou ao Prata, procedente da mesma vila<sup>10</sup>, *Esteban de Pena* quem, radicado na nascente cidade de Durazno (capital do departamento homónimo)<sup>11</sup>, foi pai de *Carlos Maria de Pena* (advirta-se como se manteve o nome sem sofrer a traduçom a *Peña* que tantos outros padecérom), ministro, diplomata e nomeado professor de Direito Administrativo e Economia Política.

Deixemos de rodeá-lo e mergulhemo-nos em *Ferrol*. Do próprio porto emblemático da província de Betanços fórom vários os que emigrárom e obtivérom sona no país que nos ocupa.

Com o número 2 figura a família *Gándara-Fernández* no livro de "Familias Pobladoras", formado em Montevideu com as sucessivas expediçoms patagónicas; isto deve-se a que estes desembarcárom já na primeira delas, quando morria o ano 1778, constando de matrimónio e duas filhas ainda nenas. Sendo a mais velha, *Maria [Jacinta]*, de S. Jiao de Ferrol, futura mai do Cap. *Francisco Osorio*, de destacada actuaçom nos tempos da Independência.

Depois destes, dos primeiros passageiros dessa procedência úteis aos nossos fins que temos notícia é de duas mulheres arribadas em 1782, na IX expediçom: umha, a moça *Francisca Regueira Rodriguez* (viajando com seus pais e irmaus, o pai de *Cecebre-Cambre*, na mesma província), que já casou o ano seguinte -sendo tal matrimónio origem de umha das duas célebres familias uruguaias Lamas de sangue galego-, vindo a ser mai de *Benito* e de *Luis Lamas*, aquel, frade franciscano adicto à revoluçom independentista, primeiro preceitor das cátedras de "Latinidad, Filosofia y Teologia Dogmática y Moral", embriom da Universidade uruguiaia, e vicário apostólico



*José Benito Lamas (1787-1857), filho da ferrolâm Francisca Regueira e do também galego Domingo Lamas.*

<sup>9</sup>Goldaracena, 1981

<sup>10</sup>Padrón Favre

<sup>11</sup>Nome derivado da árvore frutal *duraznero* ou *durazno* (o nosso pessegueiro).

do país, morrendo vítima do seu altruísmo quando a epidemia de febre-amarela (1857); e seu irmão, constituinte de 1830 e breve presidente da República. Filho deste e neto de Francisca foi *Andrés Lamas*, polígrafo e diplomata, umha das grandes e mais discutidas figuras políticas do Uruguai decimonónico.

A outra passageira nesse barco que citaremos é sua tocaia e paisana *Francisca Seoane Quiñones*, viajando com seu home (de Pastoriça) e quatro filhos, passando todos a formar (1783) no grupo de primeiros povoadores de Minas (capital do actual departamento de Lavalleja).

*Maria Corbella Vildegaray*, também de *Ferrol*, chegada ao país antes de findar esse século XVIII, foi mai de *Ramón Masini*, membro o mais jovem da tam citada constituinte de 1830, político e home de vasta cultura.

Outro ferrolám foi *Pedro Piñeyría Diaz*, ingressando no Uruguai na primeira década do XIX<sup>12</sup> alcançando o grau de coronel e sendo um importante saladeirista, pai de seu homónimo *Pedro Piñeyría* (h), fundador este da “Asociación Rural del Uruguay”, primeiro presidente do elitista “Jockey Club” e promotor de Pueblo Ituzaingó, hoje simples bairro da capital.

Sendo de citar como último filho de *Ferrol Juan Vidal Sanz*, chegado ao Uruguai pouco depois do anterior, que foi avô de Mons. *Mariano Soler*, terceiro bispo e primeiro arcebispo de Montevideu.

Até aqui o norte da província betanceira.

Já no centro, temos *Pontedeume* de onde provinha *Josefa Rodríguez Freire y Andrade*, como a citada Francisca Seoane, um dos primeiros povoadores de Minas (1783) -depois de ter formado entre os fundadores de Pando (1781)-, arribada que fora na V expediçom (1780) junto com seu home, *Juan Sánchez de Amor* (de Sigrás-Cambre) e um pequeno.

De *Minho* chegou ao Prata e já em 1768, um dos personagens mais curiosos desta relação: estou a falar de *Gabriel Piedracueva Varela*, que foi nem mais nem menos (ainda em 1778, ano em que ingressou à Banda Oriental) que o primeiro boticário de Montevideu, logo de exercer em Esteiro (Ferrol) e Buenos Aires. (Nalgum documento figura como natural de Betanços, mas ao concretar, surge Minho como a sua pátria, entendendo-se entom como província a referência a Betanços).

De *Sada* era *Mª Rosa Feijoo Calderón*, chegada com seus pais na mesma expediçom que Josefa Rodríguez (1780), com 22 anos e casada dito ano, sendo mai de *Santiago Vázquez*, outro mui destacado constituinte de 1830, ministro em varias ocasiões, inspirador de logros importantes para a flamante República, cujo nome leva umha vila do departamento de Montevideu. Também jogou em primeira linha seu irmão o Cnel. *Ventura Vázquez*. *Mª Rosa* foi assim mesmo avô de *Adolfo Rodríguez*, diplomata, magistrado e ministro.



*Mariano Soler (1846-1908), neto do ferrolán Juan Vidal.*

<sup>12</sup>Goldaracena, 1976

E de *Mosteiro* (Sada) procedia *José Gil Taboada*, cadete morto na falida defesa de Montevidéu contra os ingleses, entre outros 400, no decurso do ataque final de 3 de fevereiro de 1807, quando pouco mais de três meses levava de casado. (Os britânicos dominariam a cidade sete meses apenas!).

Betanzos-cidade foi o berço de *Benito Castriz Amenedo*, soldado chegado ao Prata com a expedição do vice-rei Ceballos (ver mais adiante), quem com a lajesa Josefa Centeno Blanco, fôrom pais de *Ramón Castriz Centeno*, funcionário do Cabildo a quem se considera um dos fundadores dos correios uruguaios (1826).

Já metidos no Sul da nossa antiga província, temos a freguezia de *Porzomilhos* (Oça dos Rios), de onde era natural *Benito del Campo Domínguez*, que ingressou na Banda Oriental contra a última década do XVIII, e será avô de *Luis Piñeiro del Campo*, diplomata cujo nome leva o “Hospital Hogar de Ancianos” de Montevidéu.<sup>13</sup>

De *Culhergondo* (Abegondo) foi o clérigo *Manuel de Amenedo Montenegro*, primeiro cura de Rocha (capital do departamento homónimo, 1793) e ao tempo pároco da igreja de San Carlos, durante quase meio século, em cujo átrio repousa<sup>14</sup>. O Pe. Amenedo chegara a Montevidéu o 28 de dezembro de 1778, acompanhando o prelado pontevedrés *Sebastián Malvar y Pinto*, flamante bispo de Buenos Aires (e mais tarde de Santiago de Compostela), na nau que levava a primeira expedição à Patagónia, apenas 21 pessoas para esse destino (entre as quais os Gándara citados anteriormente), pois que grande parte do barco ia reservado por monsenhor e por outros passageiros (digamos) privados.

De *Fisteus* (Cúrtis), mas nom emigrando como si o fixo a sua paisana Isabel Sánchez (ver mais atrás), era *Maria Seoane Sánchez*, e se a traemos aqui é por ser avó paterna de um emigrante de grande relevo no Uruguai: o corunhês *Joaquín de la Sagra* (irmau do célebre polígrafo Ramón), chegado ali em 1801, quando já Maria seria morta. Filântropo (co-fundador do “Hospital de Caridad” de Montevidéu), magistrado, político antiesclavista, no seu passamento (1851) foi dito<sup>15</sup>: “La República tiene que lamentar la pérdida de uno de esos ciudadanos distinguidos por su consagración constante al servicio público”.

*Andrés Vázquez González*, que casa em Santa Lucia (actual departamento de Canelones) em 1790, era originário de *Sta. Eulália de Cúrtis*, e foi pai do constituinte de 1830 *José Vázquez Ledesma*.

De *Fojados* (Cúrtis), “jurisdicción de Betanzos”, procedia *Domingo Calvo López*, chegado em 1777 a Montevidéu, com a citada expedição militar de Cevallos -ao tempo que este se fazia cargo do seu posto de primeiro vice-rei do Rio da Prata-Buenos Aires-



*Santiago Vázquez* (1787-1847), filho da sadense M<sup>a</sup> Rosa Feijoo e também do galego Juan Vázquez.

<sup>13</sup>Goldaracena, 1992

<sup>14</sup>Vega Castillos, quem bebeu em Luis Maria Astigarraga: *Un cura del 1800: Manuel de Amenedo Montenegro*, s/l, s/d.

<sup>15</sup>Castellanos

como cabo-segundo; retornado a Espanha com as tropas de dita expedição, em 1784, acabará voltando definitivamente (1785) à Banda Oriental, onde deixara duas filhas naturais. Por umha dessas filhas foi Calvo avô dos irmaus *Andrés*, *Leandro* e *Juan Ramón Gómez*: os generais Andrés e Leandro Gómez tiveram destacada actuação no século XIX, o segundo um dos heróis nacionais a raiz da sua morte na defesa da cidade de Paysandú (capital do departamento homónimo). Juan Ramón Gómez foi ministro e legislador. Filho de Andrés foi *Alberto Gómez Ruano*, criador da Biblioteca e Museu Pedagógico de Montevideo (do que se poderia considerar par a secção dedicada aos Garcia Naveira no Museu das Marinhas betanceiro).



*Leandro Gómez (1811-1865), neto de Domingo Calvo, de Fojados e filho do também galego Roque Gómez.*

Somente nos falta dar notícia de outros dous betanceiros, estes do enclave levantino e extraterritorial de *Árvol* (Vilalva); trata-se dos irmaus *Ildefonso* e *Juan Garcia Fernández*.

*Ildefonso*<sup>16</sup>, desempenhando-se como estaqueiro em Montevideo em 1785, foi pai de *Doroteo Garcia*, ministro e legislador, fundador (com imigrantes piemonteses de religiom valdense) da vila Colonia Valdense (no departamento de Colonia)<sup>17</sup>; na sua memória<sup>18</sup> ergue-se, na zona rural montevideana, o núcleo conhecido como *Villa Garcia*, nascido ao redor do seu estabelecimento agropecuário. Filho deste e neto e tocaio do galego foi *Ildefonso Garcia Lagos*, jurisconsulto de sona e ministro.

Juan, ingressado na Banda Oriental polos mesmos anos, foi avô de *Emilio Garcia Wich*<sup>19</sup>, eminente e abnegado médico, vítima da sua entrega quando a epidémia de cólera de 1868.

\*\*\*

Sirva este trabalho como mostruário para calibrarmos umha parte mínima da ingente obra humana realizada polos galegos desde que nos lançámos por esses mundos: é a cara quase grata, oferecida por umha minoria de vencedores que logrou ou a fortuna pessoal no terreno económico ou a fortuna imensurável de gerar filhos relevantes.

Galegos de muitas outras zonas do país puderam inspirar tarefas similares à que aqui termina. Só resta deixar constância dos mares de compatriotas que, arrastados pola mesma esperança que estes, nom só nom triunfárom, mas fracassárom tragicamente, a semelhança daqueles que encontrárom a enfermidade e a morte, no fatídico tempo do operativo patagónico, numhas vastas terras hostis que em nada recordavam a lonjana e chorada Galiza.

<sup>16</sup>Goldaracena, 1976

<sup>17</sup>Departamento que tomou o seu nome da cidade homónima, fundada como colónia do Sacramento polos portugueses, na sua aspiração à Banda Oriental, o que precipitou a fundação espanhola de Montevideo. (Contrariamente à cidade californiana de Sacramento, esta adoptou como definitivo o aséptico nome de Colonia).

<sup>18</sup>Barrios Pintos

<sup>19</sup>Fernández Saldaña

## RELAÇOM DE FREGUEZIAS CITADAS NESTE TRABALHO

|             |         |             |
|-------------|---------|-------------|
| Abade       | Esmelhe | Mosteirom   |
| Anca        | Ferrol  | Pedra       |
| Árvol       | Fisteus | Pontedeume  |
| Betanços    | Fojados | Porzomilhos |
| Covas       | Freires | Sada        |
| Culhergondo | Granha  | Serantes    |
| Cúrtis      | Minho   | Somoças     |

## BIBLIOGRAFÍA

- Juan Alejandro APOLANT.- *Operativo Patagonia*. Montevideo, 1970.  
 .- *Génesis de la familia uruguaya*. 4 t. Montevideo, 1975 (2ª ed).
- Anibal BARRIOS PINTOS.- *Montevideo. Los barrios*. II. Montevideo, 1971.
- Alfredo R. CASTELLANOS.- *Nomenclatura de Montevideo*. Montevideo, 1977.
- José-Mª FERNÁNDEZ SALDAÑA.- *Diccionario Uruguayo de biografías. 1810-1940*. Montevideo, 1945.
- Víctor H. GANNELLO.- *Familias gallegas en el Cerro Largo colonial*. Revista del Instituto de Estudios Genealógicos del Uruguay. Nº 8. Montevideo, 1988.
- Ricardo GOLDARACENA.- *El libro de los linajes*. 3 t. Montevideo, 1976, 1978, 1981.  
 .- *Antepasados de familias uruguayas*. Revista del Instituto de Estudios Genealógicos del Uruguay. Nº 14. Montevideo, 1992
- Óscar PADRÓN FAVRE.- *Españoles en Durazno*. Montevideo, 1993.
- Francisco RÍO BARJA.- *Cartografía xurisdiccional de Galicia no séc. XVIII*. Compostela, 1990.
- P. TORRES, L. PÉREZ e J. CHANTADA.- *Las parroquias de Galicia*. Compostela, 1985.
- Uruguay VEGA CASTILLOS.- *El aporte gallego en la fundación de pueblos de la Banda Oriental*. Revista del Instituto de Estudios Genealógicos del Uruguay. Nº 12. Montevideo, 1990.